

# Pluralidade Estética

PRODUÇÃO MUSICAL  
ERUDITA NO BRASIL  
A PARTIR DE 1980

HARRY CROWL

A década de 80 marcou o início de uma fase de profundas transformações na música erudita brasileira que ainda se encontram em pleno desenvolvimento.

Neste momento em que surge toda uma nova geração de compositores, encontramos ainda alguns dos mais importantes nomes da música erudita brasileira deste século no auge de suas produções. Outros que foram radicais transformadores nos anos 60 e 70 praticamente abandonam a composição na década de 80. Os históricos nomes de Francisco Mignone (1897-1986), Camargo Guarnieri (1907-1993), Cláudio Santoro (1919-1989), Guerra-Peixe (1914-1993) e Radamés Gnattali (1907-1988) estão associados a uma produção musical viva e fiel a seus credos. As vanguardas que tanto combateram as estéticas destes compositores nas décadas anteriores, depuseram as armas diante da convicção e reputação dos decanos. Isto não quer dizer que estes compositores mais velhos escrevessem dentro de uma mesma estética, mas que todos eles continuavam a produzir incessantemente, ao contrário dos mais novos.

Guerra Peixe e Camargo Guarnieri foram também importantes mestres e deixaram uma quantidade grande de discípulos. Dos de Guarnieri, podemos destacar Osvaldo Lacerda (1927), Sérgio Vasconcelos Correia (1934) e Almeida Prado (1943). Lacerda é muito prolífico. Mantendo-se fiel aos cânones nacionalistas, goza ainda de algum prestígio especialmente nas escolas de música. A obra de Sérgio Vasconcelos Correia demonstra algumas tentativas de avanço sobre terrenos mais ousados, como podemos perceber na composição *Potyron* (1970), para piano e percussão. De Guerra-Peixe, talvez os discípulos mais importantes tenham sido Guilherme Bauer e Ernani Aguiar, dos quais falaremos mais adiante.

De todos os compositores acima mencionados, nenhum foi mais prolífico, intenso e atuante que Cláudio Santoro. Porém, sua obra tem sido muito mais tocada na Europa que no Brasil. De qualquer maneira, ele teve um papel importante dentro da Universidade de Brasília e no desenvolvimento da vida musical daquela cidade.

As universidades públicas têm sido o espaço que, de fato, permaneceu aberto à criação musical no Brasil

nestes últimos decênios. Nestas, onde quase todos os compositores lecionaram ou ainda lecionam, é que surgiram alguns grupos camerísticos esporádicos ou mesmo alguns intérpretes de alto nível interessados na produção erudita nacional. Surgem, também, vários festivais de música contemporânea em várias regiões do Brasil. Percebe-se uma clara expansão da atividade. Rio e São Paulo deixam de ser redutos exclusivos. Outras capitais, como Salvador, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre e Curitiba, começam a se impor como centros alternativos de referência a partir de suas universidades federais na década de 80. Muitos dos “vanguardistas” das décadas de 60 e 70, como Aylton Escobar, Willy Correa de Oliveira, Rogério Duprat, Damiano Cozzella, Luís Carlos Vinholes e Jaceguay Lins, entre outros, diminuirão ou cessarão suas produções. Alguns por insatisfação com a pouca qualidade do meio musical brasileiro, outros por opção política, e outros ainda, por desacordo com os caminhos estéticos da atualidade. O movimento de ruptura mais conseqüente que aconteceu na segunda metade do séc.XX no Brasil foi, sem dúvida, o “Manifesto Música Nova”, assinado em São Paulo em 1962 por vários músicos e intelectuais, entre eles Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Damiano Cozzella, Gilberto Mendes (1922), Willy Correa de Oliveira (1938) e Rogério Duprat. Dos compositores deste grupo apenas Gilberto Mendes e Willy Correa de Oliveira destacaram-se como criadores eruditos de maior amplitude. Ambos estiveram ligados à Universidade de São Paulo. Os compositores deste grupo foram freqüentadores dos festivais de Darmstadt e Donaueschingen, na Alemanha, na década de 60. Conviveram com Boulez, Stockhausen, Nono, Ligeti e, principalmente, com John Cage. Foi seguindo, em parte, as idéias deste último compositor que desenvolveram um discurso de ruptura com o nacionalismo estanque e posicionaram-se numa “vanguarda” independente. Deste grupo, somente Gilberto Mendes continuaria na ativa, não somente produzindo, mas também dirigindo o festival de música contemporânea mais antigo do país, o “Festival Música Nova de Santos”, sua cidade natal. Sua música é permeada por um humor muito crítico. Vários

elementos da sociedade de consumo são destilados pelo compositor, especialmente os “jingles” comerciais. Um compositor relativamente independente desta geração em São Paulo é Mário Ficarelli (1937). Também professor da USP, Ficarelli é autor de uma obra não muito extensa, porém de forte expressão. Uma das composições de maior impacto da década de 80 foi sua obra *Transfigurationis*, de 81. É autor de 3 sinfonias onde podemos perceber uma preferência pelos modelos sinfônicos do finlandês Jean Sibelius. Outro compositor paulista ativo também desde a década de 70 é José Antônio de Almeida Prado (1943). Durante grande parte de sua vida esteve vinculado ao departamento de música da Universidade de Campinas. Este compositor foi um dos primeiros brasileiros desta geração a conseguir uma reputação internacional permanente. Sua música foi muito influenciada por seus mestres Olivier Messiaen e Camargo Guarnieri. Sua produção é gigantesca, incluindo mais de 500 obras para piano solo além de música de câmara, orquestral, vocal e dramática.

Voltando ao Rio e à Escola de Música da UFRJ, Ronaldo Miranda (1948), Ricardo Tacuchian (1939), David Korenchandler (1948) e Marisa Resende (1944) são os principais nomes de compositores desta geração que atingem a maturidade nos anos 80. Todos com formação acadêmica muito semelhante. Tacuchian e Marisa Resende realizaram cursos de doutoramento nos EUA. Ronaldo Miranda, que na década de 70 escreveu obras experimentais de grande importância, como *Trajétoias*, para soprano e conjunto de câmara, vem se expressando num discurso acadêmico intencional. Da década de 80 para cá, sua linguagem tornou-se mais acessível e romântica. No caso de David Korenchandler, encontramos uma inquietação que oscila entre este romantismo tradicional alemão e um uso mais livre da linguagem. Há neste compositor uma atração pelo jazz, pela música de Erik Satie e por elementos da cultura judaica. Toda sua obra apresenta uma construção formal precisa, muito embora ele não se preocupe com qualquer fidelidade estilística. De sua intensa e constante produção destacamos a *Sinfonia de nº 3 Salmos – Tehilim*, para coro, solistas, 2 violões e pequena orquestra. Ricardo Tacuchian qualifica sua

música de pós-moderna. Há também em sua obra, uma questão ideológica. Não são raras as criações que denunciam a miséria e as desigualdades sociais. De sua produção mais recente destacamos a *Cantata de Natal, Hayastan e Terra Aberta*, sobre poema de D. Pedro Casaldáliga. Este compositor desenvolveu uma técnica própria a qual denominou de sistema “T”.

Marisa Resende desenvolveu um intenso trabalho junto à pós-graduação em composição na UFRJ, revelando uma série de jovens compositores. Sua obra é pequena e não se prende a qualquer tendência estética pré-determinada.

Cidade com um maior número de instituições de nível superior com cursos de música no país e de instituições estatais dedicadas à música, o Rio de Janeiro tem atraído um grande número de profissionais da música através dos tempos.

Outros compositores, de certa maneira independentes desta geração que lá atuam, são Edino Krieger (1928), Ernani Aguiar (1950), Guilherme Bauer (1940) e os polêmicos H. J. Koellreutter (1917-2005) e Marlos Nobre (1939).

Edino Krieger, catarinense de origem, é decano dos compositores atuantes no Rio. Dividiu sua carreira de compositor com a de administrador. Durante vários anos foi diretor de Música da FUNARTE. Sua carreira criativa, em muitos momentos ficou em segundo plano. Muitas de suas obras mais recentes causam-nos a impressão de que foram escritas muito rapidamente. O compositor oscilou entre vários estilos durante sua longa trajetória. Podemos destacar de sua produção recente as obras *Sonâncias II* (1981), para violino e piano; *Três Imagens de Nova Friburgo* (1988), para orquestra de cordas e cravo; e *Te Deum Puerorum Brasiliae* (1997), para coro infantil, coro juvenil, coro gregoriano, orquestra de metais e percussão. Atualmente, é presidente da Academia Brasileira de Música e Diretor do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Outro compositor que ainda segue uma linha nacionalista neoclássica é Ernani Aguiar. Discípulo de Guerra-Peixe, tem uma produção já bem vasta. Escreve numa linguagem neoclássica simples e direta, o que faz com que sua música seja freqüentemente executada



Guilherme Bauer ao lado do quadro inspirado na obra do compositor e intitulado Trêmolo, de Ana Maria Bauer. Acrílico sobre tela.

COLEÇÃO PARTICULAR – GUILHERME BAUER

em várias partes do país e do exterior.

O mais importante discípulo de Guerra-Peixe é Guilherme Bauer. De produção reduzida e muito conseqüente, Bauer já foi premiado em vários concursos. Vem desenvolvendo um estilo próprio a partir de uma sintaxe derivada de uma estética nacionalista. Sua música instrumental é concisa e equilibrada. Nos últimos 20 anos, escreveu, entre outras obras, 2 quartetos de cordas (1983 e 1997), um trio para violino, violoncelo e piano (1980), *Cadências* (1982) para violino e orquestra, as *Sugestões de Inúbias* para 2 flautas (1991), *Reflexos* (1999) para flauta, violoncelo e piano, e *Partita Brasileira* (1994/2001) para violino solo. Foi recentemente produtor artístico de duas importantes séries de concertos e gravações em CD de música brasileira: o selo “RioArte Digital” e a série “Estréias Brasileiras”.

Marlos Nobre já esteve muito em voga junto às várias entidades musicais do país e no exterior, tendo inclusive presidido algumas delas. Seu prestígio, no entanto, vem diminuindo nos últimos anos.

Ele tem tido obras encomendadas por algumas entidades internacionais.

Hans Joachim Koellreutter, por sua vez, desempenhou um importante trabalho pedagógico em várias regiões do país. Se por um lado, ele foi responsável pela iniciação de vários jovens músicos nos “mistérios” da música do século XX, por outro, suas idéias, vistas como muito originais pelos seus seguidores, são muitas vezes compilações de vários autores e compositores daquele século. Este músico alemão, radicado no Brasil há mais de meio século, já esteve no centro de várias polêmicas. Na década de 50, foi alvo de ataques violentos por parte de compositores nacionalistas conservadores, liderados por Camargo Guarnieri. Esteve fora do Brasil por um longo período (1962/75), quando viveu na Índia e no Japão, a serviço do governo alemão. Figura carismática numa época onde os debates apaixonantes já perdiam lugar, fez-se “mestre” de muitos já sedentos por alguma informação do mundo exterior. Havia uma razão óbvia para isto: a grande maioria dos velhos compositores não era de grandes erudições acadêmicas. Quase todos vinham de uma formação de instrumentistas nos padrões oitocentistas. Muitos viam com insegurança as mudanças recentes que vinham do exterior. Pensar a música como conceito cultural, ou algo diferente de fazer instrumentos tocarem ou vozes cantarem, era talvez uma coisa por demais abstrata para aqueles que estavam preocupados somente em fazer uma arte que pudesse ser identificada com a sua origem nacional. Neste aspecto, a figura de Koellreutter foi fundamental para aqueles que não tinham tido a oportunidade de sair do país para estudar, ou simplesmente ver diferentes maneiras de pensar.

Poucos compositores brasileiros têm conseguido um maior destaque internacional. Jorge Antunes (1942) talvez seja aquele que mais tenha tido oportunidades fora do país nos últimos anos. Atuante em Brasília, onde foi professor da UnB, e natural do Rio, Jorge Antunes obteve sua formação tanto na área da física quanto da música. Foi o primeiro compositor brasileiro a dedicar-se mais intensamente à música eletroacústica. Suas obras seguem uma linha mais livre. É um compositor coerente do ponto de vista da sintaxe

musical e sempre defendeu o uso de uma notação especial para a música nova. Esta defesa está baseada em uma corrente internacional muito em voga nos anos 70.

Amaral Vieira (1952) é um compositor e pianista atuante em São Paulo. Sua música apresenta uma linguagem de negação de todas as estéticas do séc. XX, muito apreciada em círculos mais conservadores. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea até 2002. Situação semelhante é a do compositor carioca João Guilherme Ripper (1959), que foi Diretor da Escola de Música da UFRJ até 2004.

Jocy de Oliveira (1936), natural de Curitiba, vive no Rio e tem sido uma grande divulgadora da música contemporânea no Brasil. Exímia pianista, gravou todo o “Catalogue des Oiseaux”, de Messiaen, com a aprovação do compositor. Como criadora, sua música tem um forte apelo cênico. Já produziu algumas “óperas” onde elementos improvisatórios se misturam a sons eletrônicos. Sua produção é uma demonstração de que não é o conservadorismo acadêmico que atrai o público. O período em questão também apresenta uma novidade histórica importante: a descentralização definitiva da produção musical. Embora Rio de Janeiro e São Paulo continuem a ser as cidades mais importantes do país, outros centros vão despontando gradualmente. Em Salvador, desde finais da década de 50, há um movimento renovador ligado à arte contemporânea e às raízes afro-brasileiras. A partir de 1969, quando aconteceu o 1º Festival de Música da Guanabara, um grupo de compositores baianos chamava a atenção. Eles pareciam ter conseguido fazer uma conciliação entre a cultura popular baiana e a música contemporânea de tradição ocidental. Nos últimos 20 anos, este grupo diminuiu muito sua produção e parece ter perdido a capacidade de renovação. Os compositores mais importantes deste movimento foram o suíço-brasileiro Ernst Widmer (1927-1990) e Lindembergue Cardoso (1938-1989). Widmer foi o iniciador de tudo. Foi o mestre. Chegou à Bahia com menos de 30 anos e envolveu-se com um mundo colorido e sincrético. Sua produção foi enorme e ininterrupta. Inicialmente, procurou fundir elementos onde predominava de uma certa forma a linguagem do



Harry-Crowl. Aethra III. Goldberg Edições Musicais. Porto Alegre, 2001. COLEÇÃO PARTICULAR – HARRY CROWL

compositor alemão Paul Hindemith com a aleatoriedade controlada da escola Polonesa dos anos 60. Posteriormente, seu estilo foi transformando-se em dois gêneros bem diferenciados. Em suas 3 sinfonias, utilizou material folclórico abundante da região do rio São Francisco, no interior da Bahia. Sua última composição foi uma ópera sobre Aleijadinho, que estava escrevendo para a Bolsa de Criação VITAE, de São Paulo. Infelizmente, faleceu precocemente numa viagem à sua terra natal, a Suíça, onde fora tratar da criação da Fundação Ernst Widmer, que continua a divulgar sua obra. Com isto, a ópera ficou incompleta faltando o terceiro ato. O discípulo mais notável de Widmer foi, sem dúvida, Lindembergue Cardoso. Este compositor tinha uma incrível facilidade para escrever música. Fazia-o em qualquer lugar e a qualquer momento. Estava sempre querendo terminar alguma coisa para começar outra. Nas décadas anteriores escreveu obras notáveis como *A Procissão das Carpideiras*, de 69, para vozes femininas e orquestra, *Reflexões II*, de 74, para orquestra, *Sedimentos*, de 72,

para quarteto de cordas e *Réquiem para o Sol*, de 76, para conjunto de câmara. Fernando Cerqueira (1941) é também um importante compositor do grupo baiano. Sua obra, bem menos numerosa que a de Lindemberg Cardoso, foi num período mais profunda e refletida. Em 1970, sua *Heterofonia do Tempo* ganhou um prêmio do Festival da Guanabara. Na década de 70 produziu obras significativas como *Quanta e Parábola*. Sua obra de maior impacto nos anos 80 foi a peça *Expressões Cibernéticas*, para soprano e conjunto de percussão, sobre textos de Haroldo e Augusto de Campos.

Dois jovens compositores baianos vêm se destacando apesar da diminuição da atividade musical erudita no estado. São eles Paulo Costa Lima (1954) e Wellington Gomes (1960). Ambos vêm tentando achar um caminho que contemple uma retórica musical onde o sincretismo cultural e uma sólida técnica composicional estejam presentes. A peça *Ūbábá, o que diria Bach*, para orquestra de câmara, é um ótimo exemplo de sua linguagem. Wellington Gomes vem se afirmando como um dos mais importantes compositores da geração que surge nos anos 80. Sua *Fantasia para violoncelo e orquestra de câmara*, de 1992, é uma peça que demonstra uma técnica refinada. Todos estes compositores estão ou estiveram ligados ao departamento de música da UFBA, onde são professores de carreira.

Situação diferente ocorre no Rio Grande do Sul. Este estado é o único além de São Paulo, que possui mais de um centro produtor de música de concerto. Além da capital Porto Alegre, que conta com uma boa orquestra sinfônica para os padrões brasileiros e mais 4 orquestras de cordas, Santa Maria mantém uma boa universidade com um importante departamento de música. Além das duas universidades federais (UFRGS e UFSM), há no Rio Grande do Sul uma tradição musical recente bem mais forte que na maioria dos estados brasileiros. Alguns importantes compositores brasileiros eram originários do Rio Grande. O mais famoso sem dúvida, foi Radamés Gnattali. Outros preferiram continuar atuando no estado como foi o caso de Armando Albuquerque (1901-1986) e Bruno Kiefer (1923-1987). Armando Albuquerque foi um

compositor muito original e produziu algumas obras muito curiosas por suas influências do jazz e da música de Erik Satie, na década de 20. Sua produção foi muito reduzida e ficou basicamente confinada ao piano, com poucos vãos noutros gêneros. Foi um professor e produtor de rádio muito atuante. Já Bruno Kiefer foi autor de vasta e variada obra. Interessou-se pelo dodecafonismo de Schönberg e foi praticamente autodidata. Era também formado em Física. Às vezes compunha num estilo quase nacionalista, eventualmente tentando incorporar elementos da técnica dos 12 sons. Foi professor de composição da UFRGS. Alguns compositores gaúchos mais jovens vêm se destacando no cenário nacional e internacional.

Frederico Richter (1932), que adotou o apelido de “Frerídio”, é um compositor também muito ativo, tendo escrito música eletroacústica, instrumental e vocal de toda espécie. Recentemente, aposentou-se da Universidade de Santa Maria, onde foi professor e criador da Orquestra Sinfônica. Com uma formação realizada na Universidade MacGill, no Canadá, sua obra não se prende a qualquer estilo definido, sendo ora tonal ora atonal.

Ainda no sul do Brasil, o Paraná vem também se destacando no cenário nacional, porém numa proporção muito mais modesta que o Rio Grande do Sul. Os compositores decanos de Curitiba são Henrique de Curitiba (Morozowicz) (1934), atualmente residente em Londrina, e Padre José Penalva (1924-2002). Henrique tem uma produção pequena. A quase totalidade de sua produção é tonal dentro do espírito da chamada “nova simplicidade”. Estudou na Polônia, terra de seus antepassados e nos EUA, com o tcheco Karel Husa. Por outro lado, Pe. Penalva foi um dos mais refinados e sofisticados compositores brasileiros atuais, especialmente no que diz respeito à música coral e de inspiração religiosa católica tradicional. A maior parte de sua produção constitui-se de obras para coro a capella e obras vocais-sinfônicas. Os oratórios *Ágape I*, *Salmo 90*, *Os quatro Cavaleiros do Apocalipse* e *Ágape II* são algumas das melhores obras no gênero produzidas no Brasil nos últimos tempos.

Outra capital que teve uma quase inigualável atividade de música contemporânea nas décadas de 80

e 90, especificamente até 96, foi Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Dos compositores que passaram por lá, o único que obteve um certo destaque nacional foi Eduardo Guimarães Álvares (1959). Hoje radicado em São Paulo, continua seu trabalho voltado para música vocal e teatro musical. Sua obra apresenta características muito originais, sempre com um toque humorístico. O ciclo de canções *Pétala Petulância*, de 1990, foi composto especialmente para o “Grupo Novo Horizonte de São Paulo”. Concluiu em 2004 a ópera *O Enigma de Caim*, com o apoio da bolsa VITAE, sobre libreto do dramaturgo Luís Fernando Ramos, professor da ECA/USP.

Dois outros compositores, com expressão nacional,



Roberto Victorio.  
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL –  
DIVISÃO DE MÚSICA E ARQUIVO SONORO

também se radicaram em BH, Rufo Herrera (1935), argentino que atuou junto ao grupo da Bahia, e o também argentino, Eduardo Bértola (1939-1996). Rufo Herrera, que foi originalmente músico popular, escreveu vários espetáculos de multimeios, inclusive a ópera *Balada para Matraga*, inspirada em Guimarães Rosa.

Em 1989, foi inaugurada em Campinas, na biblioteca central da UNICAMP, a sede latino-americana do “CDMC” (Centre de Documentation de la Musique Contemporaine). Dirigido pelo compositor José Augusto Mannis, este centro tem sido de grande utilidade para contatos e intercâmbios nacionais e internacionais. Seu diretor é um importante compositor de música eletroacústica e instrumental, embora a administração do centro não lhe deixe muito tempo para a criação.

Quanto aos grupos, vale ressaltar três deles, todos de São Paulo. O “Duo Diálogos”, de percussão, o “PIAP”, orquestra de percussão do Instituto de Artes do Planalto (IAP/UNESP) e, finalmente, o “Grupo Novo Horizonte de São Paulo”, criado em 1989 pelo regente e musicólogo inglês Graham Griffiths. Apesar

de todos eles terem tido um excelente trabalho de divulgação de compositores brasileiros, o “Grupo Novo Horizonte” foi o responsável pelo estabelecimento de uma geração bem identificada de compositores. Os nomes de Roberto Victorio (1959), Sílvio Ferraz (1959), Harry Crowl (1958) e Edson Zampronha (1963) têm forte relação com este grupo, que gravou 4 Cds exclusivamente dedicados à música contemporânea brasileira da década de 90. Roberto Victório é carioca de origem. Sua formação como compositor é praticamente autodidata. Fez mestrado em composição na UFRJ, sob a orientação de Marisa Resende. Sua obra é fortemente caracterizada pelo uso de um acentuado pontilhismo e por uma certa inspiração mística. Atualmente, o compositor vive em Cuiabá, Mato Grosso, onde é professor da Universidade Federal. Além de ter praticamente inserido o seu estado de adoção no cenário musical brasileiro, tem realizado uma série de eventos utilizando as características da região, como as grutas, os instrumentos regionais e as culturas indígenas. Paralelamente, criou um grupo de música contemporânea em Cuiabá, o “Grupo Sextante”, que tem apresentado além de suas obras, obras de seus alunos, os primeiros compositores mato-grossenses.

Sílvio Ferraz é outro compositor independente com grande projeção inclusive internacional. Sua formação foi realizada na USP e mais tarde concluiu doutoramento no programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Seu estilo é na maioria das vezes bem transparente e original. Há um sutil trabalho de modulação e timbrístico que dá a esta música uma cor muito especial. Outro compositor de destaque do grupo de São Paulo é Edson Zampronha. Suas composições recentes consistem numa série de obras com o título de *Modelagem*. A produção de Zampronha é aliada a um intenso trabalho de pesquisa dos recursos sonoros e timbrísticos.

Há ainda, evidentemente, uma série de outros compositores atuantes no Brasil, alguns certamente com mais destaque que outros. Porém, estes quatro compositores, Victorio, Ferraz, Crowl e Zampronha, têm se destacado pela busca de uma linguagem musical

independente e obtido um razoável reconhecimento no Brasil e no exterior em relação aos demais compositores de sua geração. Poderíamos citar ainda os nomes de Celso Mojola (1960), Flo Menezes (1962) em São Paulo, e de Luiz Carlos Csekö (1955) e Chico Mello (1957) no Rio.

Flo(rivaldo) Menezes (Filho) estudou na USP, na Itália e na Alemanha. Sua música envolve processos computacionais e instrumentos acústicos. Promove anualmente um concurso internacional de música eletroacústica. Os outros compositores mencionados dedicam-se principalmente ao teatro musical. Há uma crescente produção de música eletroacústica por computador, especialmente entre compositores mais

jovens. Ainda são poucos os compositores que se dedicam somente a este gênero e que têm a mesma notoriedade daqueles envolvidos com os meios acústicos tradicionais. Podemos citar os nomes dos cariocas Rodolfo Caesar (1950) e Rodrigo Cichelli Veloso (1966) como os mais importantes nesse aspecto. Já Tim Rescala (1961), também carioca, atua intensamente na música eletroacústica, no teatro musical e também tem obtido grande visibilidade com seus trabalhos para a televisão e o teatro tradicional. Sua música quase sempre faz paródias do cotidiano. Tato Tabora (1960), que é curitibano e também atua no Rio de Janeiro, tem se dedicado igualmente tanto ao teatro musical quanto à música eletroacústica.

## DISCOGRAFIA

### GILBERTO MENDES

*Qualquer Música*  
*Saudades do Parque Bañeário Hotel*  
*Claro Clarone*  
*Ulysses em Copacabana*  
*Um Estudo?*  
*Longhorn Trio*  
*Motetos à Feição de Lobo de Mesquita*  
*The Sentimental Gentleman*  
*Revisited*  
*The Spectra Ensemble – Philip Rathé*  
 VOX TEMPORIS CD92 030 –  
 Bélgica  
*16 Peças para piano*  
*Für Annette*  
*Pour Eliane*  
 5 Prelúdios  
*Terão Chebl, piano*  
*Rimsky*  
*Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo*  
*Lidia Bazarian, piano*  
 LAMI 003 – Brasil

### ERNST WIDMER

*A Última Flor*  
 Altenberg Trio  
 VANGUARD CLASSICS 99135 –  
 Holanda – 1996  
*Marujadas, Reisado e Toada do Médio São Francisco*  
*Divertimento VI*  
*É Doce Morrer no Mar*  
*Concerto para Fagote, Orquestra de Cordas e Percussão*

*Toadas dos Remeiros do Rio São Francisco*  
*Música para Orquestra de Câmara*  
 Regência: Eduardo Torres  
 Cláudia Ribeiro Sales, fagote  
 PAULUS 004512 – Brasil – 1999  
*Ordina*  
 Bahia Ensemble  
 PRÊMIO COPENE DE CULTURA  
 E ARTE, Salvador – Brasil – 1997  
*Lindembergue Cardoso*  
*Soterofonia*  
*Minisuite*  
*O Vôo do Colibri*  
*Procissão das Carpideiras*  
*Oniça-Orê*  
 Vários intérpretes  
 PRÊMIO COPENE CULTURA  
 E ARTE 2001, Salvador – Brasil  
*Monódica*  
 Bahia Ensemble  
 PRÊMIO COPENE DE CULTURA  
 E ARTE, Salvador – Brasil – 1997

### ALMEIDA PRADO

*Cartas Celestes I*  
 Luís Senise, piano  
*O Rosário de Medjugorje*  
 Elizabete Aparecida, piano  
*Sonata n.º 3 para Violino e Piano*  
 Constança Almeida Prado, violino  
 Helenice Audi, piano  
 ILUSTRARE MR0423 – Brasil  
*Modinha n.º I*  
*Trem de Ferro*  
*A Minha Voz é Nobre*

*Rosamor*  
*Lembranças do Coração*  
*Três Canções*  
*Três Episódios Animais*  
*Portrait de Nadia Boulanger*  
*Livro Brasileiro – II Caderno*  
 Victoria Kerbauy, soprano  
 Almeida Prado, piano  
 SPY ARTES DIGITAIS MS43-0700  
*Maranduba*  
 Grupo de Percussão do Instituto de Artes da UNESP  
 GRUPO PIAP 199.004.470 - Brasil  
*Fantasia para Violino e Orquestra*  
 Constança Audi Almeida Prado,  
 violino  
 Orquestra Sinfônica Brasileira.  
 Regência, Roberto Tibiriçá  
 RIOARTE DIGITAL 018 - Brasil  
*Orê-Jacytatá, Cartas Celestes n.º 8*  
 “O Céu da Bandeira Brasileira”  
 Constança Audi Almeida Prado,  
 violino  
 Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Brasília  
 Regência, Sílvio Barbato  
 BRASIL 500 ANOS OSTNCD 01-02 - Brasil

### MÁRIO FICARELLI

*Quinteto para Trompa e Quarteto de Cordas*  
*Quinteto para Oboé e Quarteto de Cordas*  
 Quinteto para Dois Violinos, Duas  
 Violas e violoncelo

André Ficarelli, trompa  
 Alexandre Ficarelli, oboé  
 Horácio Schaefer, viola  
 Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo  
 LAMI – 004 Brasil – 2004  
*Tempestade Óssea*  
 Grupo de Percussão do Instituto de Artes da UNESP  
 GRUPO PIAP 199.004.470 – Brasil

### MARLOS NOBRE

*In Memoriam*  
*Mosaico*  
*Convergências*  
*Biosfera*  
*O Canto Multiplicado*  
*Ukrinmakrinkrin*  
*Rythmetron*  
*Divertimento*  
*Concerto Breve*  
 Variações Rítmicas  
 Música Nova Philharmonia  
 Música Nova Ensemble  
 Regência: Marlos Nobre  
 Ensemble de Percussion de Geneve  
 Ensemble Bartok  
 Maria Lucia Godoy, soprano  
 Amalia Bazan, soprano  
 Luiz de Moura Castro, piano  
 Marlos Nobre, piano  
 LEMAN CLASSICS – LC44100/  
 2CD set – Suíça  
**RICARDO TACUCHIAN**  
*Terra Aberta*

**DISCOGRAFIA (continuação)**

- Ruth Staerke, soprano  
Orquestra Sinfônica Brasileira.  
Regência, Roberto Tibiriçá  
RIOARTE DIGITAL 018 – Brasil  
Estruturas Simbólicas  
Estruturas Gêmeas  
Estruturas Primitivas  
Estruturas Obstnadas  
Estruturas Verdes  
Estruturas Divergentes  
Vários intérpretes  
RIOARTE DIGITAL 022 – Brasil
- RONALDO MIRANDA**  
*Suite Festiva*  
Orquestra Sinfônica Brasileira  
Regência, Roberto Tibiriçá  
RIOARTE DIGITAL 018 – Brasil  
*Tango*  
*Lúdica I*  
*Variações Sérias*  
*Três Canções Simples*  
*Prólogo, Discurso e Reflexão*  
*Trajetória*  
*Appassionata*  
Alternâncias  
Vários intérpretes  
RIOARTE DIGITAL – 020 – Brasil  
*Sinfonia 2000*  
Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Brasília  
Regência, Sílvio Barbato  
BRASIL 500 ANOS OSTNCD 01 – 02 – Brasil
- EDINO KRIEGER**  
*Te Deum Puerorum Brasiliae*  
Coro Infantil do Rio de Janeiro (mestre de coro: Elza Lakschevitz)  
Polifonia Carioca (mestre do coro: Eduardo Lakschevitz)  
Coro Gregoriano do Rio de Janeiro, direção: Dom Félix Ferrá, Ordem de São Bento  
Orquestra Sinfônica Brasileira  
Regência, Roberto Tibiriçá  
RIOARTE DIGITAL 018 – Brasil  
*Sinfonia Terra Brasilis*  
Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Brasília  
Regência, Sílvio Barbato  
BRASIL 500 ANOS OSTNCD 01-02 – Brasil  
*Suite para Cordas*  
Orquestra de Câmara da Rádio MEC, Regência, Mário Tavares  
*Divertimento para Cordas*  
Orquestra de Câmara da Rádio MEC, Regência, Roberto MEC. Regência, Roberto Schnorrenberg  
*Ludus Symphonicus*  
Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, Regência: Rinaldo Rossi  
*Estro Armônico*  
Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC  
Regência: Edino Krieger  
*Canticum Naturale*  
Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC  
Regência: Eleazar de Carvalho  
Maria Lúcia Godoy, soprano  
RIOARTE DIGITAL 110001 – Brasil  
*Suite para Cordas*  
Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba  
Fundação Cultural de Curitiba  
ETU102 – Brasil – 2000  
*Três Imagens de Nova Friburgo*  
Orquestra de Câmara de Blumenau  
Regência: Norton Morozowicz  
Martina Graf, piano  
COMEP CD6470-0 – Brasil – 1991
- GUILHERME BAUER**  
*Sugestões de Inúbias*  
*Trio para Violino, Violoncelo e Piano*  
*Partita Brasileira*  
*Duas Peças Brasileiras*  
*Quarteto de cordas n.º 2*  
Cadências para Violino e Orquestra  
Eduardo Monteiro e Alexandre Eisenberg, flautas  
Trio Fibonacci (Montreal, Canadá)  
Quarteto Moyzes (Eslováquia)  
Andreas Pozlberger, violoncelo  
Sven Birch, piano  
Erich Leninger, violino  
Orquestra Sinfônica Brasileira  
Regência: Henrique Morelembaum  
RIOARTE DIGITAL – 031 – Brasil – 2002  
*Quarteto de Cordas n.º 1 “Petrópolis”*  
*Quarteto de Cordas n.º 2*  
Quarteto Moyzes  
PAULUS – 004000 – Brasil – 1998
- JOCY DE OLIVEIRA**  
*As malibrans*  
ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA – Brasil  
*Ilud Tempus*  
RIOARTE DIGITAL/ ABM – Brasil
- DAWID KORENCHENDLER**  
*Sinfonia n.º 3 (Psalmi-Tehillim)*  
Coro Canto em Canto  
Maria Haro e Nicolas de Souza Barros, violões  
Orquestra Sinfônica Brasileira  
Regência, Roberto Tibiriçá  
RIOARTE DIGITAL 018 – Brasil  
*Abertura*  
Orquestra Sinfonia Cultura da RTV Cultura de São Paulo.  
Regência: Lutero Rodrigues  
*Memórias (Variações sobre o Bambalalão)*  
Dawid Korenchender, piano  
*Sonata n.º 6 “Sonata do Jubileu”*  
Ruth Serrão, piano  
*“Ballade des Pendus”*  
Coro de Câmara “Sacra Vox”  
RIOARTE DIGITAL – 023 – Brasil
- MARISA REZENDE**  
*Volante*  
*Sintagma*  
*Variações*  
*Elos*  
*Ressonâncias*  
*Mutações*  
*Contrastes*  
*Vórtice*  
*Cismas*  
Cássia Carrascoza, flauta  
Luís Eugênio Montanha, clarineta  
Dimos Goudarolis, violoncelo  
Ana Valéria Poles, contrabaixo  
Lídia Bazarian, piano  
Marisa Rezende, piano  
Marcelo Fagerlande, cravo  
Carlos Tarcha, percussão  
Eduardo Gianesella, percussão  
Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo  
LAMI – 005 Brasil – 2004
- JORGE ANTUNES**  
*Sinfonia em cinco movimentos*  
Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Brasília.  
Regência, Sílvio Barbato  
BRASIL 500 ANOS OSTNCD 01-02 – Brasil – 2001  
*Flautaualf*  
*Trio em lá pis*  
*Source*  
*Vivaldia MCMLXXV*  
Vários intérpretes  
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CD 350010 – 2002 – Brasil
- FLÁVIO OLIVEIRA**  
*Tudo Muda*  
Uruguay  
*Mistérios*  
*Aos que partiram*  
*Ao homem Chê*  
*To a certain cantatrice*  
*Ein musikalisher brief*  
*Peça para piano*  
*Round about Debussy*  
*...Quando Olhos e Mãos...*  
*Movimentos:Variações*  
*Intradição de Ravel*  
*Round about Debussy (2ª versão)*  
Nênia  
Vários intérpretes  
FUNPROARTE BP 21660 – Brasil
- BRUNO KIEFER**  
*Poemas da Terra*  
*Música sem incidentes*  
*Música pra gente miúda*  
*Ventos incertos*  
*Querência*  
Quarteto de Flautas Doces  
“Poemas da Terra”  
Dunia Elias Carneiro, piano  
Fredri Gerling, violino  
Márcio de Sousa, violão  
FUNPROARTE Poet 100 – Brasil  
*Sonata I*  
*Lamentos da terra*  
*Duas Peças Sérias*  
*Triptico*  
*Sonata II*  
*Seis Pequenos Quadros*  
*Toccata*  
*Ares de Moleque*  
*Em poucas Notas*  
*Alternâncias*  
*Poema para ti*  
Cristina Capparelli, piano  
FUNPROARTE BK001 – Brasil  
*Música sem Incidentes*  
*Terra Sofrida*  
*Canção para uma valsa lenta*  
*Momento de ternura*  
*Música sem nome*  
*Situação*  
*Sons perdidos*  
*Canção da garoa*  
*Quiçá...*  
*Brincando*  
*Faz de conta...*  
Márcio de Souza e Flávia  
Domingues Alves, violões  
Ademir Schmidt, flauta transversal  
Eliana Van Huber, flautas doces  
Coro Porto Alegre

**DISCOGRAFIA (continuação)**

- Cristiano Hansen, narração  
FUNPROARTE MS01 1969 –  
Brasil
- ARMANDO ALBUQUERQUE**  
*Suite Bárbara Infantil*  
*Outono*  
*Uma Idéia de Café*  
*Motivação*  
*Tocata*  
*Suite (Infantil)*  
*Evocação de Augusto Meyer*  
*Sonho III*  
*Peça para piano 1964*  
Celso Loureiro Chaves, piano  
Independente – Celso Loureiro  
Chaves, Porto Alegre – Brasil
- ANTÔNIO CARLOS BORGES CUNHA**  
*Ancient Rhythm*  
*Pedra Mística*  
*Fonocromia*  
InstalaSom  
SONOR Ensemble, direção:  
Harvey Sollberger  
Orquestra Sinfônica de Porto  
Alegre  
Coral Sinfônico da OSPA  
e solistas  
Regência: Manfred Schmiedt  
Coral da UFRGS  
Regência: Cláudio Ribeiro  
Grupo InstalaSom  
Regência: Antônio Carlos Borges  
Cunha  
UFRGS 199.009.991 – Brasil
- PE. JOSÉ PENALVA**  
*Ágape II*  
*Le Regard de Dieu*  
*Casinha Pequeninna*  
*Cantiga por Luciana*  
*Carinhoso*  
*Mini Suite: Mania das Pessoas*  
Mini Suite: Arlequim  
Madrigal Vocale e convidados  
TRILHAS URBANAS ETU124-  
AA0001000 – Brasil
- FLO MENEZES**  
*On the other hand...*  
Grupo de Percussão do Instituto  
de Artes da UNESP  
GRUPO PIAP 199.004.470 – Brasil  
*Parcours de l'Éntité*  
*Contextures I (Hommage à Berio)*  
*Contesture III*  
PAN; Laceramento della Parola  
*Profilis écartelés*  
*Words in Transgress*  
MÚSICA MAXIMALISTA VOL. I  
PANAROMA 199.000.926 – Brasil  
– 1996
- SÍLVIO FERRAZ**  
*Conferência – versão para  
instrumentos e fita*  
*Conferência – versão instrumental*  
Grupo Novo Horizonte de São  
Paulo. Regência: Graham Griffiths  
VIVAVOZ/EDUC – ED283MDI –  
Brasil – 1996  
*No Encaço do Boi*  
Luís Eugênio Montanha, clarone  
Carlos Tarcha, percussão  
LAMI 002 – Brasil – 2004
- EDSON ZAMPRONHA**  
*Modelagem VII*  
Grupo Novo Horizonte de São  
Paulo. Regência: Graham Griffiths  
VIVAVOZ/EDUC – ED283MDI –  
Brasil – 1996  
*Modelagem XII*  
*Modelagem II*  
*O Crescimento da Árvore Sobre a  
Montanha*  
*Modelagem III*  
*Mármore*  
*Modelagem VIII*  
*Fragmentation*  
Orquestra Sinfonia Cultura  
Regência: Luterio Rodrigues  
Beatriz Balzi, piano  
Celina Charlier, flauta  
Eduardo Giancesella, percussão  
ANNABLUME – 199.016.320 –
- Brasil  
*Modelagem XIII*  
Lídia Bazarian, piano  
Eduardo Giancesella, percussão  
LAMI 002 – Brasil - 2004
- ROBERTO VICTÓRIO**  
*Codex Troano*  
*Heptaparaparshinokh*  
*Cruzar e Bifurcações*  
*Archeus*  
Grupo de Percussão da UNES.  
Regência: John Boudler  
Coro de Câmara da Pró-Arte.  
Regência: Carlos Alberto  
Figueiredo  
Grupo Música Nova da UFRJ.  
Regência: Roberto Victório  
Grupo Metal Transformação Rio de  
Janeiro.  
Regência: Zdenek Svab  
Rose Vic, soprano  
Ronaldo Victório, tenor  
Marcelo Coutinho, baritono  
ROBERTO VICTORIO RV001 –  
Brasil – 1996  
*Planalto Central*  
Sentinelas de Pedra  
Grupo Sextante  
ROBERTO VICTORIO RV 002 –  
Brasil
- PAULO COSTA LIMA**  
*Ibejis*  
*Apanhe o jegue*  
*Pega essa nêga e chêra*  
*Imikaiá*  
*Ponteio*  
*Atotô do L'homme armé*  
*Saruê de dois*  
Bahia Ensemble.  
Regência: Piero Bastianelli  
PRÊMIO COPENE DE CULTURA  
E ARTE, Salvador – Brasil – 1997
- WELLINGTON GOMES**  
*Fantasia*  
*Reminiscências*  
*Frevinho*
- Bahia Ensemble  
Regência: Piero Bastianelli  
PRÊMIO COPENE DE CULTURA  
E ARTE, Salvador – Brasil – 1997
- HARRY CROWL**  
Finismundo  
Simone Foltran, soprano  
Grupo Novo Horizonte de São  
Paulo. Regência: Graham Griffiths  
VIVAVOZ/EDUC – ED283MDI –  
Brasil – 1996  
*Revoada*  
Helle Kristensen, flauta doce  
PAULA CD 97 – Dinamarca –  
1996  
*Na Perfurada Luz, em Plano Austero  
(Quarteto de cordas nº 1)*  
Quarteto Moyzes  
PAULUS 004000 – Brasil – 1998  
*Sonata I*  
*Canto para violino solo*  
*Aluminium Sonata*  
*Assimetrias*  
*Sonata II*  
*Austrais – 4 Canções*  
Concerto para Clarone, Percussão  
e Piano  
Concerto para Piano e Orquestra  
*No Silêncio das Noites Estreladas*  
Leilah Paiva, piano  
Carlos Assis, piano  
Atli Ellenderson, violino  
Mário da Silva, violão  
Ana Toledo, soprano  
Otinilo Pacheco, clarone  
Grupo Novo Horizonte de São  
Paulo  
Orquestra Sinfônica do Paraná  
Regência: Roberto Duarte  
PIAP, Grupo de Percussão da  
Universidade Estadual Paulista  
UFPR/SECRETARIA DE  
CULTURA DO ESTADO DO  
PARANÁ CD 3584 1-2 Brasil –  
2002

**HARRY CROWL**

Compositor e musicólogo. Tem obras apresentadas no Brasil e em vários países. Prof. da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Diretor artístico da Orquestra Filarmônica Juvenil da Universidade Federal do Paraná UFPR. Produtor de programas da Rádio Educativa do Paraná e da Rádio MEC. Presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (2002–2005).